

**A EXPERIÊNCIA DO AUDITOR  
COMO FACTOR DETERMINANTE  
DA QUALIDADE DA AUDITORIA**



**TESE DE MESTRADO DE JORGE TEXIER  
ORIENTAÇÃO POR PROFESSOR DOUTOR RICARDO REIS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS  
E EMPRESARIAIS**

**2011**

## Índice

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>ABSTRACT .....</b>                                  | <b>4</b>  |
| <b>2</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                 | <b>5</b>  |
| <b>3</b> | <b>REVISÃO DA LITERATURA .....</b>                     | <b>9</b>  |
| <b>4</b> | <b>MODELO EMPÍRICO E DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS .....</b> | <b>14</b> |
| <b>5</b> | <b>DISCUSSÃO .....</b>                                 | <b>19</b> |
| <b>6</b> | <b>CONCLUSÃO.....</b>                                  | <b>23</b> |
| <b>7</b> | <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>                               | <b>24</b> |

## **Índice de Tabelas**

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1: Qualidade da Auditoria em função da Experiência..... | 19 |
|--|----|

## **1 Abstract**

This paper relates auditor's experience and audit quality, making an important contribution to the understanding of the quality drivers.

The literature suggests that auditors specialized in a specific industry tend to be more precise in detecting errors, delivering a better audit quality. In this paper, I hypothesize auditor's performance depends not only on specific knowledge, but mostly on work experience accumulated through time.

I measure audit experience by the number of years that an auditor has in profession since registration. Audit quality is defined using Jones (1991) accruals methodology on earnings management accruals methodology. I assume that higher absolute discretionary accrual means lower quality. The study includes the 500 biggest companies in Portugal excluding Financial Services industry over the period 1997 to 2007.

The empirical evidence does not fully supports my hypothesis, and further research maybe necessary with additional samples. More experienced auditors tend to deliver higher audit quality. I also control the regressions for size, debt and affiliation of the auditor. Even without considerable statistical significance, I find that auditors member from BIG4 tend to deliver higher audit quality.

## **2 Introdução**

Nesta tese de mestrado, pretendo demonstrar que a experiência do auditor tem impacto na qualidade da auditoria efectuada. É meu objectivo concluir que quanto maior for a experiência do auditor, maior será a qualidade da auditoria desenvolvida.

Da minha carreira profissional como auditor, verifiquei que a experiência influencia o número de reservas ou ênfases, que um auditor emite, e a velocidade com que ele detecta erros e/ou omissões. Face a esta situação, esta tese testa a possível relação existente entre estas duas variáveis.

Os resultados deste trabalho poderão ser úteis para as empresas, que já apresentam contas auditadas, assim como para aquelas que iniciam o processo de escolha do auditor na medida em que acrescenta um critério de escolha. Para além disso, também os analistas e investidores estarão interessados em saber quais os auditores que elaboram auditorias de maior qualidade, porque utilizam a informação financeira para avaliar o desempenho das cotações e de forma a maximizarem as mais-valias obtidas na sua negociação.

Outra contribuição, que pretendo dar, está relacionada com a relevância do factor experiência associado aos auditores, que trabalham para as BIG 4 (PriceWaterhouseCoopers, Deloitte, KPMG e Ernst &Young), comparativamente ao dos auditores das restantes empresas de auditoria.

Auditores experientes das grandes empresas não se encontram isentos de cometerem erros ou ilegalidades, como atestam os escândalos financeiros, protagonizados pela Artur Andersen no colapso da Enron, Tyco e WorldCom. Estes casos paradigmáticos, conduziram a mudanças significativas na geografia da indústria, nomeadamente na falência de muitas das empresas clientes a par da absorção da Artur Andersen por parte de empresas concorrentes, originando as BIG 4 que continuam a operar até ao presente momento.

Consequentemente, o factor de as empresas de auditoria pertencerem às BIG 4, será tido em consideração, visto as grandes empresas de auditoria possuírem um maior número de clientes, e os seus auditores terem mais a perder em caso de quebra de

reputação. Esta maior perda potencial resulta num maior incentivo para estes serem mais independentes comparativamente aos auditores das outras empresas de auditoria.

A inclusão das empresas portuguesas neste trabalho torna-se de importância crucial, pois não existe investigação neste campo e porque maioritariamente o tecido empresarial é constituído por pequenas e médias empresas. Além deste factor, o meio empresarial português é limitado e propicia a existência de elevada empatia entre empresas auditoras e empresas auditadas, criando um potencial conflito de interesses.

As empresas portuguesas constituem um interessante caso de estudo, pois só não existe nenhuma pesquisa feita nesta área em Portugal, como também porque estas mesmas empresas são consideradas de pequena e média dimensão, comparativamente com empresas de países anglo-saxónicos. As pequenas e médias empresas, que representam grande parte do tecido empresarial português, possuem características particulares, em que a gestão não tende a ser desempenhada por um profissional, mas sim pelos próprios proprietários. Como os auditores aparecem a mitigar o conflito entre gestores e proprietários, o seu papel em Portugal muda de argumento pelo que o potencial conflito de interesses entre as empresas auditoras e as empresas auditadas aumenta, como indicado em diversos estudos empíricos em mercados emergentes.

A indústria de auditoria no país é igualmente pequena (153 empresas de auditoria, num total de 982 revisores oficiais de conta activos), em que todos os auditores praticamente se conhecem, aumentando a proximidade entre todas as partes envolvidas.

Além disto, existe uma particularidade no caso Português, que contribui para uma análise ainda mais original. Os auditores em Portugal são certificados por uma ordem nacional de auditores, conhecida como OROC<sup>1</sup>. Para se ser certificado, os auditores precisam de ser aprovados num exame<sup>2</sup> escrito, e concluir um estágio de 24 meses

---

<sup>1</sup> Ordem dos Revisores Oficiais de Conta.

<sup>2</sup> O exame é efectuado com periodicidade anual, e a Ordem publicita quantos auditores passam no exame cada ano.

junto de uma empresa de auditoria. Uma vez aprovados, os auditores são registados, obtendo um número de série, que é sempre associado a cada indivíduo. Os números nunca são realocados, ainda que o auditor mude de profissão ou morra. A listagem numerada e tornada pública pela Ordem, obriga aos auditores a assinarem os seus relatórios com o seu nome individual e o respectivo número associado. Ao conferir o número de auditores, que foram aprovados no exame de cada ano, somos capazes de determinar exactamente os anos de experiência de cada auditor. Esta circunstância permite, deste modo, testar se os anos de experiência profissional dos auditores, fazem qualquer diferença na qualidade da informação divulgada. A prática de manipulação de resultados, pode ser detectada pela análise do relatório de auditoria, onde constam reservas ou ênfases, que são as formas de ressaltar práticas contabilísticas questionáveis. A partir do relatório do auditor, podem identificar-se dois tipos de erro comum: os relatórios, que afirmam que a empresa se encontra próximo da insolvência, mas que nomeadamente se encontram saudável, e os relatórios que dão a entender que a empresa está equilibrada, embora a empresa acabe por entrar em falência a curto prazo.

A amostra utilizada contém as 500 maiores empresas de Portugal não pertencentes ao Sector Financeiro (Bancos, Seguradores, Correctoras, Sociedades de Câmbio e afins), em termo de Volumes de Negócios, nos últimos 10 anos.

A amostra contém as 500 maiores empresas de Portugal e o risco de falência é reduzido, dada a dimensão das empresas que operam no mercado nacional. Além disso, o número de reservas e de ênfases nos relatórios de auditoria é extremamente limitado. Portanto, na amostra, não existe uma associação directa entre a qualidade da auditoria e o número de reservas existentes nos relatórios. Por essa razão, é necessário identificar outras medidas de qualidade da auditoria. As soluções apresentadas para a qualidade da auditoria são sugeridas por Jones (1991), Becker (1998) e Richardson (2001) com as variações do Fundo de Maneio e Stapathis (2002) e Penman (2001) com o Volume de Negócios/ Dívidas de Terceiros.

De acordo com a Jones (1991), Becker (1998) e Richardson (2001), a variação do fundo de maneio é uma das medidas da qualidade de informação financeira, que se pode utilizar como *proxy* para a qualidade da auditoria. A utilização desta medida é

justificada pelo facto de o fundo de maneo ser a componente dos resultados mais fácil de manipular (por exemplo, a manipulação dos fluxos de caixa implica a alteração de pagamentos ou recebimentos) e reflecte acções de manipulação da informação financeira.

Spathis (2002), e Penman (2001) utilizam o rácio Volume de Negócios/ Dívidas de Terceiros, como medida da manipulação dos resultados através das vendas. As vendas podem ser aceleradas antes do final do ano (provocando o aumento das dívidas de clientes), com o intuito de aumentar o resultado do exercício. Quando se antecipam as vendas e as prestações de serviços, as dívidas de clientes aumentam mais que proporcionalmente, provocando a diminuição do rácio. Quanto maior for essa manipulação, menor será o rácio e mais negativa a variação relativamente ao ano anterior. Assim, quanto menor for o valor dessa variação, maior é a manipulação dos resultados e consequentemente menor a qualidade da auditoria.

Esta tese encontra-se organizada da seguinte forma: a primeira parte compreende a introdução e a apresentação da amostra, o segundo capítulo sumariza a literatura acerca do auditor e sobre a qualidade da informação financeira, o terceiro capítulo analisa as variáveis relacionadas com a qualidade da auditoria e experiência do auditor, no quarto capítulo discutem-se os resultados da regressão efectuada e no capítulo final efectua-se o respectivo sumário e conclusão deste trabalho.



### 3 Revisão da Literatura

A literatura existente descreve, os incentivos dos gestores em manipularem as informações contabilísticas. Healey e Wahlen (1999), identificaram os incentivos que levam os gestores a manipularem os resultados, e testaram se as escolhas contabilísticas são consistentes com esses mesmos incentivos. Este efeito é mais evidente em empresas cotadas em bolsa, visto que os investidores e analistas financeiros, utilizam a informação contabilística para avaliar as acções, enquanto os gestores têm incentivos próprios para manipular os resultados, interferindo com o desempenho da cotação das acções no curto prazo. Outra motivação, resulta da utilização dos dados contabilísticos para monitorizar e regular os contratos entre a empresa e os seus *stakeholders*, como por exemplo os contratos de compensação dos gestores e os contratos de endividamento. Quando os contratos com os gestores prevêem bónus baseados em resultados anuais, estes têm incentivos para manipular os resultados, de forma a maximizarem a sua remuneração.

Burstahler e Dichev (1997), afirmam que o endividamento pode criar um incentivo para o gestor manipular os lucros obtidos, mantendo ou alavancando os níveis de dívida, uma vez que a probabilidade de incumprimento ou de atraso nos pagamentos, é assumida ser menor em situações de ganhos mais elevados, ou caracterizados por um baixo custo de capital.

O papel dos auditores deve ser o de rastrear as manipulações de informação e o de evitar distorções adicionais. Deste modo, a qualidade da auditoria poderá ser aferida através de medidas da qualidade da informação financeira, visto que quanto maior for a manipulação dos resultados menor será a qualidade da auditoria. Becker (1998) aponta nessa direcção, pois demonstra a relação entre a qualidade da auditoria e a manipulação dos resultados (*earnings management*). A reconciliação entre o lucro líquido (*net earnings*) e o fluxo de caixa, são os acréscimos. Eles sustentam que a manipulação dos resultados, pode ser rastreados até à componente do fundo de maneio. De acordo com esse estudo, a manipulação dos fluxos de caixa poderá dificilmente ocorrer, uma vez que implica mudanças nos pagamentos e recebimentos, exigindo o envolvimento de terceiros no processo de manipulação. Consequentemente,

a manipulação dos resultados é mais rastreável numa base de acréscimos (*accrual basis*), do que numa base de fluxos de caixa (*cash basis*). Exemplificando, uma manipulação dos resultados detectada através dos *accruals*: o reconhecimento das receitas entre um período temporal, pode ser efectuado por via da aceleração ou diferimento das vendas. Embora parte da variação das vendas se reflecta nos *cash flows*, outra parte reflecte-se em recebimentos de clientes, o qual afecta o fundo de maneio. Assim, os acréscimos serão o local perfeito, para se detectar o comportamento de alisamento (*smoothing*) dos resultados obtidos.

Consistentemente com os resultados mencionados, Sloan (1996) e Richardson (2001), detectaram a manipulação dos resultados através de escolhas contabilísticas, por via do exame sobre as alterações nos acréscimos. Alterações nos acréscimos, tornam-se o indicador mais utilizado da manipulação de resultados, Richardson (2001).

A manipulação dos resultados pode ser detectada nas contas anuais da empresa através da identificação dos critérios contabilísticos utilizados e referidos nas notas em anexo. Para isto, é necessário comparar esses critérios com os critérios utilizados nos anos anteriores e com os utilizados pelos concorrentes, de modo a ser possível identificar alterações de critérios em relação ao passado. A análise destes critérios, pode sugerir que a sua utilização está associada à manipulação dos resultados, ou seja, custos levados directamente a reservas em vez de afectarem resultados (provisões para riscos e encargos, plano de pensões e impostos), insuficiência de provisões, capitalização de custos, alteração do sistema de valorimetria das existências, amortizações por quotas degressivas, quotas extraordinárias para planos de pensões e a não reflexão de custos relativos a *stock options*, Amat (2003). Contudo não é uma abordagem viável pois obriga à análise do Balanço e Demonstração de Resultados de todas as empresas da amostra, tal como das empresas suas competidoras. Além disso, estariam apenas em análise as práticas visíveis dessas notas, que são facilmente identificadas pelos utilizadores da informação financeira.

A prática de manipulação de resultados pode ser detectada através da análise do relatório do auditor, no caso de existirem reservas e ênfases. Amat (2003), considera que estas reservas ou ênfases podem referir-se a alterações de critérios contabilísticos em relações a anos anteriores ou a outras contingências não incluídas nas contas.

Concluimos que as práticas mais comuns, não constantes nas demonstrações financeiras e que afectam os resultados, são a contabilização directa em reservas de determinados custos (por exemplo, amortização do *trespasse* e planos de reestruturação), provisões insuficientes e redução dos resultados por conta de perdas futuras. No entanto, a existência de reservas e ênfases no relatório do auditor pode ser sinónimo de que este identificou práticas contabilísticas questionáveis e que a empresa não as aceitou corrigir, pelo que indicia a presença de auditorias de maior qualidade. Deste modo, não é possível fazer uma associação directa entre a qualidade da auditoria e a existência, ou não, de reservas/ ênfases no relatório do auditor, pelo que a abordagem não é a mais indicada para este trabalho.

Outra técnica, é a análise dos resultados extraordinários de anos passados que, segundo, Amat (2003), pode pretender esconder uma variação que não se deseja visível nos resultados correntes. Trata-se, no entanto, de uma abordagem de difícil aplicação, já que não é possível concluir directamente se os resultados são realmente extraordinários a partir da informação disponibilizada nos relatórios das empresas.

As soluções apresentadas para definição da qualidade de auditoria, baseiam-se nos modelos de *accruals*, e as que assentam com base na análise do relatório de contas apresentados pelas empresas. Este último caso, como se utilizam critérios contabilísticos que são divulgados, não se consideram como verdadeira manipulação porque é facilmente detectável, não cabendo nas definições de manipulação dos resultados apresentadas neste trabalho.

De acordo com Libby (1993), a experiência, conjuntamente com a instrução, permite que os auditores adquiram conhecimento. A instrução pode ser adquirida nas universidades, enquanto a experiência pode ser acumulada através da prática obtida na realização de tarefas e do *feedback* proveniente dos seus juízos. Em auditoria, o *feedback* advém do controlo de qualidade efectuado pela OROC e do ambiente económico, Penner e Pennington (1991).

A experiência do auditor é um dos pilares básicos do conhecimento que distingue os auditores. Da investigação proveniente de Frederick (1990), afirma que auditores juniores possuem menos *know-how*, face a auditores seniores. Bonner e Lewis (1990) referem a existência de três tipos de conhecimento: domínio geral (nível básico de

conhecimentos em contabilidade e auditoria e fluxos de transacções através do sistema contabilístico), conhecimento especializado (relacionado com indústrias ou clientes especiais), e o conhecimento geral do negócio (percepção dos incentivos de gestão numa variedade de situações contratuais). Este conhecimento pode ser adquirido através de instrução e de diversas experiências pessoais. Em suma, a experiência do auditor é um dos pilares básicos do conhecimento que poderá distinguir os auditores a este nível. Enquanto a instrução é equivalente em todos os auditores visto ser adquirida inicialmente na Universidade<sup>3</sup> e vai sendo actualizada pela participação em acções de formação, a experiência vai sendo construída no decorrer da vida profissional de cada auditor. A possível relação entre a experiência do auditor e a qualidade da auditoria, constitui o objecto de investigação desta tese.

A relação entre a qualidade da auditoria e a experiência do auditor é intuitiva. Em termos genéricos, quando alguém repete uma tarefa vai adquirindo um maior domínio, pelo que é expectável que a experiência adquirida ao longo do tempo conduza a uma maior qualidade da tarefa executada. Alba e Hutchinson (1987), referem que a simples repetição da tarefa melhora o desempenho, visto reduzir o esforço cognitivo necessário à sua elaboração. E se essa redução for significativa a tarefa passa a ser automática, ficando os recursos cognitivos disponíveis para a realização de outras tarefas não automáticas, permitindo um aumento do desempenho global. O trabalho de auditoria não é automático, Libby e Frederick (1990) referem que os auditores desempenham uma variedade de tarefas para poderem formar a sua opinião, requerendo diferentes tipos de conhecimento. Choo e Trotman (1991) sugerem por exemplo que auditores mais experientes tendem a relembrar mais situações atípicas do que os auditores inexperientes. Estes autores mostraram a relação entre a experiência do auditor e o conhecimento (através da detecção de erros e memórias de

---

<sup>3</sup> Além da qualificação no exame, que supostamente nivela os níveis de conhecimento de todos os auditores no momento da admissão, nenhum auditor é admitido na OROC sem pelo menos ter obtido o grau de licenciatura durante 4 anos lectivos nos cursos de Economia, Gestão de Empresas ou Contabilidade. A Ordem exige este pré-requisito, como forma dos candidatos se habilitarem a exame. Existe um nível inferior a ROC, denominado por Técnico Oficial de Contas. Também é possível ser obtido através de um exame, excepto quando os candidatos possuem o grau de licenciados e reúnem requisitos curriculares relacionados com a Contabilidade.

pontos atípicos). Como a qualidade da auditoria é a probabilidade do auditor em detectar e reportar erros das demonstrações financeiras, encontra-se implícita a relação entre a experiência do auditor e a qualidade da auditoria.

A medida utilizada neste trabalho, é semelhante à usada por Frederick e Libby (1986), que mediu experiência com o número de anos após os auditores terem sido aprovados no exame CPA. Entretanto, Frederick e Libby (1986), não forneceram uma medida, de experiência tão perfeita como a que aqui sou capaz de fornecer. A medida é assente em classes de anos de experiência. Em Portugal, para cada auditor incluído na amostra de dados recolhidos, é possível de forma contínua e precisa medir a sua experiência considerando o número de auditores que foram aprovados no exame de cada ano. Medindo a experiência, sou capaz de controlar o ruído na definição de experiência em anos e medidas usados noutros artigos.

## 4 Modelo Empírico e Definição das Variáveis

A experiência é um aspecto crucial que permite ao auditor obter conhecimento indispensável e diferenciado acerca do seu trabalho. Na sequência da literatura revista no capítulo anterior, eu reforcei a noção advinda da minha experiência profissional, de que a experiência do auditor é decisiva para a qualidade do seu trabalho. Por essa razão, eu sintetizo a ideia subjacente a partir da hipótese desta investigação:

H1) A qualidade da auditoria aumenta com a experiência do auditor.

Para testar esta hipótese, executo a seguinte regressão:

$$\text{AUDITQUAL}_{it} = \beta_0 + \beta_1 \text{EXPERIENCE}_{it} + \beta_2 \text{SIZE}_{it} + \beta_3 \text{DEBT}_{it} + \beta_4 \text{BIG4}_{it} + \xi_{it}$$

A variável independente é a qualidade da auditoria (AUDITQUAL<sub>it</sub>), e a variável explicativa a ser testada é a experiência do auditor (EXPERIENCE<sub>it</sub>). As demais variáveis (SIZE<sub>it</sub> e DEBT<sub>it</sub>) são necessárias para controlar a variável AUDITQUAL, isolando os efeitos que podem afectar a medida utilizada, e que não se encontram relacionados com a qualidade do auditor.

AUDITQUAL é a variável que mede a qualidade da auditoria, utilizando a qualidade da informação financeira como *proxy*<sup>4</sup>. Vou utilizar duas medidas diferentes para essa variável. A primeira medida está relacionado com a variação do fundo de maneo, denominando AUDITQUAL\_WC. A variação do fundo de maneo é o *proxy* da qualidade da informação (Richardson, 2001), e justifica-se pelo facto de o fundo de maneo ser a componente dos resultados mais fácil de manipular<sup>5</sup>, deixando um rastro de acções de manipulação nas demonstrações financeiras.

---

<sup>4</sup> Consistente com o resultado de Becker (1998), em que a manipulação dos resultados é maior em empresas com menor qualidade de auditoria.

<sup>5</sup> A outra componente de resultados é mais difícil de manipular pois implica a manipulação dos fluxos de caixa, tendo impactos na alteração de pagamentos e recebimentos.

A variação do fundo de maneo é calculada pela diferença entre o fundo de maneo de um ano face ao ano anterior. A variável é definida em termos absolutos, porque quanto maior for a variação absoluta do fundo de maneo, menor tenderá a ser a qualidade da informação financeira. Como explicado anteriormente, eu afirmo que a diminuição na qualidade da informação é um indicador de menor qualidade do auditor. Assim, quanto maior for a variável AUDITQUAL\_WC, maior será a qualidade da auditoria.

Para medir a variável AUDITQUAL, uso uma outra medida resultante do rácio entre Volume de Negócios/ Dívidas de Terceiros, que irá designar-se por AUDITQUAL\_OP. Esta medida é um *proxy* para a manipulação de resultados por via da utilização do momento das vendas, como foi usado por Spathis (2002). Penman (2001), baseia-se no argumento de que as vendas podem ser aceleradas antes do final do ano, embora possam ser rastreadas através de acréscimos, uma vez que os recebimentos vão reflectir essa situação.

As Vendas podem ser aceleradas antes do final do ano (provocando o aumento das dívidas de clientes), com o intuito de aumentar o resultado líquido. Quando se antecipam as vendas e/ou as prestações de serviços, as dívidas de clientes aumentam mais que proporcionalmente, provocando a diminuição no rácio. Quanto maior for a manipulação, menor será o rácio e mais negativa a variação face ao ano transacto. Quanto menor for o valor da variação, maior será a manipulação de resultados, logo a qualidade da auditoria é inferior. AUDITQUAL\_OP é a variável representativa da qualidade da auditoria, baseada no Volume de Negócios.

A variável EXPERIENCEit é representada pelo número de anos em que cada auditor, individualmente, se encontra inscrito na Ordem dos Revisores Oficiais de Contas, conforme se encontra explicado no capítulo introdutório. Uma vez que todos os auditores têm que ser certificados e devidamente registados na Ordem, e o seu número de registo é atribuído posteriormente à sua aprovação no exame, o número sequencial permite ordená-los de acordo com sua experiência. É possível converter-se o número sequencial atribuído pela Ordem, em anos de experiência, visto que a OROC divulga o número de auditores aprovados no exame de cada ano. Os auditores assinam

individualmente os relatórios de auditoria, mencionando também o seu número da Ordem.

A lista dos auditores podem ser obtidas na OROC, por isso, mesmo quando o número se encontra ausente nos relatórios, é possível cruzar-se o nome do auditor com o ranking da lista da Ordem.

Os números mais recentes, correspondem a auditores recém-matriculados na OROC. Esta medida pressupõe que um auditor, que tenha sido inscrito na OROC há mais tempo, possui uma experiência acumulada face ao maior número de auditorias realizados, de ter sido sujeito a uma maior intervenção nos processos de controlo de qualidade e à frequência de cursos da OROC.

A variável experiência do auditor para o modelo AUDITQUAL\_WC deverá possuir um coeficiente positivo, porque a experiência permite a detecção e manipulação de resultados, através de intervenções intencionais nos *accruals*.

A variável experiência do auditor para o modelo AUDITQUAL\_OP deve ser positiva, pois permite detectar uma eventual manipulação das vendas no final do exercício económico, podendo ser de fácil detecção por parte de auditores com pouca ou muita experiência, desencorajando este tipo de manipulação dos resultados. A correlação positiva entre estes dois modelos, deve coincidir com a expectativa de que a qualidade da auditoria é maior quanto maior for a experiência do auditor, o que sustenta a hipótese da investigação.

O tamanho das empresas auditadas pode afectar a independência do auditor, empresas de maior dimensão, possuem um maior poder de negociação perante os auditores, para que estes não incluam reservas ou ênfases no seu relatório de auditoria, Nardadillo (2004). O receio de perder clientes de elevada dimensão (uma vez que representam receitas fundamentais), podem comprometer a independência dos auditores. Por outro lado, um trabalho de auditoria realizado num cliente de grande dimensão e com falta de qualidade, pode ser extremamente prejudicial para a imagem do auditor. Reynolds e Francis (2001) defendem este argumento nos Estados Unidos da América, explicando através do elevado risco de litígio, os auditores preocupam-se com a sua própria reputação, tornando-os mais conservadores.



A variável SIZEit, que representa a dimensão do cliente, pode produzir valores contraditórios nas regressões utilizadas. SIZEit, é a variável definida através do logaritmo do Activo Total, Myers (2003) onde espero dominar a tensão latente entre a dimensão das empresas e a independência dos auditores. Espero que quanto maior for a dimensão dos clientes, menor será a qualidade da auditoria, pois creio que em Portugal o medo de perder grandes clientes é maior do que a perda de reputação.

Além da relação entre tamanho e qualidade da auditoria, também existem razões puramente técnicas para a inclusão da variável dimensão na regressão. A variável Dimensão, tem que ser considerada na regressão linear para controlar os efeitos nos proxies utilizados para a qualidade da auditoria. As maiores empresas terão um fundo de maneio maior, referente à qualidade da auditoria. Por isso, é preciso considerar a SIZEit na regressão, para filtrar esse efeito mecânico a partir da medida AUDITQUAL.

A presença da variável DEBTit é explicada da seguinte forma: existência de dívida na empresa e a pressão para um menor custo de capital é um incentivo para a manipulação de resultados, Sweeney (1994). Consistente com esta definição, espero que quanto maior for a dívida existe uma maior probabilidade de manipulação de resultados e como consequência pior será a qualidade da auditoria. A dívida de clientes é medida por empréstimos bancários e obrigacionistas a curto prazo, excluindo o endividamento junto de fornecedores e de outras entidades. O objectivo de incluir esta variável é o de controlar a manipulação dos resultados, resultante de um menor custo de capital, quando os empréstimos de longo prazo se encontram perto dos períodos de reembolso.

A literatura, por vezes, refere que as empresas de auditoria pertencentes às Big4 produzem uma maior qualidade na auditoria efectuada. Watts e Zimmerman (1986) sugerem que as empresas de auditoria têm como incentivo monitorar o comportamento das outras empresas concorrentes, uma vez que a falha de uma pode afectar a credibilidade e a reputação das outras. Esta monitorização é mais forte nas empresas pertencentes às Big4, porque os auditores têm menores incentivos para reduzir a qualidade da auditoria.

Por essa razão, incluí a variável para testar se este efeito subsiste na presença da variável experiência e também para verificar se as Big4 possuem um maior poder explicativo do que a experiência, no que concerne à qualidade da auditoria. Esta variável é definida como uma variável *dummy*, que assume o valor de 1 no caso da empresa ser auditada por auditores que trabalham para uma das empresas pertencentes às BIG4, ou o valor de 0 se estas funcionam de forma independente ou para uma empresa de auditoria de menor dimensão. Becker (1998), afirma que as BIG4 devido ao maior número de clientes, os auditores têm mais a perder em caso de perda de reputação. Watts e Zimmerman (1986), sugerem que as empresas de auditoria têm um incentivo de monitorização do comportamento dos outros, porque quando uma empresa falha, afecta a reputação das outras, tornando essa monitorização ainda mais forte e com menores incentivos para a diminuição da qualidade da auditoria.

## 5 Discussão

Neste capítulo, discuto os resultados provenientes do modelo de regressão linear através de *Panel Regression*.

A seguinte tabela, representa o modelo de estimação resultante da utilização de cada uma das medidas da qualidade de auditoria. Os coeficientes e os p-values são apresentados para cada uma das variáveis independentes.

**Tabela 1:** Qualidade da Auditoria em função da Experiência

---

**Regressão Linear:**

$$\text{AUDITQUAL}_{it} = \beta_0 + \beta_1 \text{EXPERIENCE}_{it} + \beta_2 \text{SIZE}_{it} + \beta_3 \text{DEBT}_{it} + \beta_4 \text{BIG4}_i + \xi_{it}$$


---

|                    | (1)<br>AUDITQUAL_OP | (2)<br>AUDITQUAL_WC         |
|--------------------|---------------------|-----------------------------|
| Intercept          | -17,202<br>(0,602)  | -83.247,592<br>(1,841 E-26) |
| EXPERIENCE         | -0,565<br>(0,356)   | 218,753<br>(0,129)          |
| SIZE               | 1,881<br>(0,499)    | 7.779,132<br>(5,295 E-32)   |
| DEBT               | 0,000<br>(0,950)    | 0,175<br>(2,462 E-155)      |
| BIG4               | 0,947<br>(0,915)    | 2.836,596<br>(0,177)        |
| Nr of Observations | 4500                | 4500                        |
| R <sup>2</sup>     | 0,00036             | 0,234                       |

A coluna (1), descreve a regressão, quando a qualidade da auditoria é medida pelas variações do rácio Volume de Negócios/ Dívidas de Terceiros (AUDITQUAL\_OP), enquanto a coluna (2), aplica a medida de qualidade da auditoria utilizando as variações do fundo de maneio (AUDITQUAL\_WC). De salientar que o modelo mais

robusto, ou seja, o que a nível estatístico obteve melhores resultados foi o modelo AUDITQUAL\_OP comparativamente com o modelo AUDITQUAL\_WC. O facto de tal ocorrer deriva da própria medida de qualidade da auditoria, tendo-se obtido através da regressão os sinais conforme o previsto, exceptuado a variável DEBT, que obteve como resultado um valor muito próximo de zero. O rácio utilizado permite detectar uma possível manipulação das vendas no final de cada exercício económico, que pode ser tão fácil de detectar que auditores com pouca ou muita experiência são capazes de desencorajar. Explicação alternativa, é que esse tipo de manipulações existe, mas é difícil, qualquer que seja a experiência do auditor.

A tabela 1, apresenta os resultados do modelo estimado, utilizando cada uma das medidas da qualidade da auditoria, os respectivos coeficientes e *p-values* para cada variável independente. A determinação do coeficiente de determinação ajustados ( $R^2$ ) dos modelos apresentados são fracos, o que significa, que existem outras variáveis determinantes na qualidade da auditoria, que o modelo apresentado não considera explicitamente.

O coeficiente EXPERIENCE, mede a experiência do auditor, o coeficiente do modelo que tem como variável AUDITQUAL\_WC é positivo, apresentando o sinal esperado, sendo que para o modelo AUDITQUAL\_OP obteve-se um valor negativo. Este facto poderá derivar da própria definição da variável AUDITQUAL\_OP, o rácio utilizado permite detectar uma possível manipulação das vendas no final de período, que pode ser tão fácil de detectar quer por auditores com muita ou pouca experiência, ou de pelo menos desencorajar este tipo de manipulação dos resultados. Explicação alternativa, é que esse tipo de manipulação existe, mas é difícil, qualquer que seja a experiência do auditor, de ser considerada como tal. É também consistente com o resultado obtido, uma situação em que as empresas não adoptem manipulação através das vendas.

Apesar do modelo ter um fraco poder explicativo, devido ao ( $R^2$ ) atingir os 0,00036 ou os 0,234, e a variável experiência ser significativa para um nível de significância mais elevado, o coeficiente associado à variável AUDITQUAL\_WC é positivo enquanto que para a variável AUDITQUAL\_OP é negativo. Conclui-se que quando o sinal é positivo deste coeficiente, sustenta a hipótese da investigação formulada, de que a qualidade da auditoria é maior quanto maior for a experiência do auditor, enquanto que

quando o coeficiente é negativo, como é o caso de AUDITQUAL\_OP, a experiência do auditor não contribui positivamente para a qualidade da auditoria.

O coeficiente SIZE é positivo e estatisticamente significativo para ambos os modelos, pelo que se verifica que a qualidade da auditoria é maior em empresas de maior dimensão. Este resultado sugere que, devido ao maior risco de litígio que os grandes clientes representam, os auditores não permitem que o gestor da empresa auditada manipule os resultados de forma a atingir o resultado que deseja. Este empenho do auditor não tem contudo, a ver com a sua experiência, será um empenho que qualquer auditor pode empregar, independentemente da sua experiência.

O coeficiente DEBT, obteve resultados positivos para ambos os modelos, sendo inconsistente com o sinal esperado, sugerindo que a auditoria é de maior qualidade em empresas mais endividadas. Este resultado, não sustenta a ideia de que a existência de endividamento e a pressão para a sua manutenção ao menor custo de capital possível, pode ser incentivo à manipulação dos resultados, tal como sugerida pela literatura, sendo um efeito que é consistente a todas as empresas e não é neutralizável pela experiência do auditor. Os resultados apresentados, relativos à variável DEBT, excluem claramente a hipótese de que as empresas mais endividadas poderão procurar revisores com menos experiência, pois estes estarão associados a auditorias de menor qualidade.

Os coeficientes positivos obtidos com a variável BIG4, assumem valores estatisticamente relevantes, sugerindo que a qualidade da auditoria é maior quando o auditor pertencer a uma das quatro maiores sociedades de auditoria, o que é o esperado face à generalidade da literatura e da evidência empírica.

Uma possível explicação para este resultado, é a responsabilidade solidária dos auditores, que em situação de ilegalidade ou irregularidade será responsabilizada a sociedade, embora os sócios (auditores), respondam civil e solidariamente pela responsabilidade emergente do exercício das funções de interesse público em qualquer empresa ou entidade de acordo com o Estatuto Jurídico dos Revisores Oficiais de Conta. Perante a instauração de um processo contra um sócio (auditor), todos os restantes sócios respondem solidariamente perante a dívida. Esta responsabilidade solidária, leva aos auditores a possuírem uma postura conservadora, uma vez que uma

possível ilegalidade será da responsabilidade de todos os sócios. Uma outra explicação possível para a obtenção destes resultados, prende-se como o efeito da experiência, reflectindo-se ao nível da constituição e afectação das equipas de trabalho como não é obrigatório rodar os auditores ao fim de um determinado período de tempo, estes tendem a manter os seus clientes por vários anos, conhecendo-o cada vez melhor.

A publicação de informação financeira certificada por estes auditores será um sinal que a empresa dá ao mercado de que possui uma boa qualidade. O mercado deverá entender a escolha desses auditores como um sinal de que a empresa não receia que as suas contas sejam revistas por auditores que desenvolvem auditorias de maior qualidade, ou seja, um sinal de que as suas contas têm qualidade.

## 6 Conclusão

O objectivo deste trabalho foi o de testar se a experiência do auditor tem impacto na qualidade da auditoria efectuada. Como previsto, foi encontrada evidência de que auditores com maior experiência, efectuem auditorias de maior qualidade.

Diversas variáveis de controlo foram introduzidas no modelo, as quais têm impacto na qualidade da auditoria, como é o exemplo da dimensão da empresa cliente. Conclui-se que quanto maior for a dimensão das empresas, maior será a qualidade da auditoria, traduzindo o facto de que os auditores têm uma postura mais conservadora neste tipo de clientes, pois tendem a emitir um parecer sem pôr em causa a sua reputação. O risco de litígio destes clientes é superior, sendo que a posição dos auditores é a de não permitirem que o gestor da empresa cliente, manipule os resultados de forma a atingir o resultado que deseja.

Outra variável de controlo é o endividamento da empresa cliente. Conclui-se que para maiores níveis de endividamento estão associadas auditorias de maior qualidade. A existência de endividamento e a pressão para a sua manutenção ao menor custo de capital possível não é um incentivo à manipulação dos resultados, sendo um efeito transversal às empresas e não neutralizável pela experiência do auditor.

Quando o auditor pertence às BIG4 a operar em Portugal, concluiu-se que os trabalhos de auditoria efectuados são de maior qualidade. Um dos factores explicativos, deve-se ao facto de os auditores das empresas que não pertencem às BIG4, possuírem um menor risco de litígio, no caso de serem detectados erros nas demonstrações financeiras certificadas que estes não tenha reportado. Em Portugal, não é obrigatório rodar os auditores ao fim de um determinado tempo, pelo que estes tendem a manter os seus clientes por vários anos, podendo criar um potencial conflito de interesses. Nas BIG4 a renovação e a rotatividade das equipas (com a entrada de novos colaboradores anualmente), é benéfica para a independência dos seus membros, sem que com isso comprometa o profundo conhecimento do cliente contrariamente ao que acontece com os auditores que trabalham individualmente.

Todos os resultados apresentados sustentam a hipótese inicial desta tese, ou seja, os auditores com maior experiência desenvolvem auditorias de maior qualidade.

## 7 Bibliografia

- Ahmed Ebrahim (2001), "Auditing Quality, Auditor Tenure, Client Importance, and Earnings Management: An Additional Evidence", Rutgers University.
- Bartov, E., F. Gul e J. Tui (2001), "Discretionary accruals models and audit qualifications", *Journal of Accounting and Economics*, vol. 30, pp 421-452.
- Beasley, M (1996), "An empirical analysis of the relation between the board of director composition and financial statement fraud", *The Accounting Review*, vol. 71, N° 4, pp.443-465.
- Bernard, V., Skinner, D. (1996) What Motivates Managers' Choice of Discretionary Accruals?, *Journal of Accounting and Economics*, 22, 313-325.
- Becker, C., DeFobd, M., Jiambalvo, J., Subramanyam, K.R., 1998, The effect of audit quality on earnings management, *Contemporary Accounting Research* (Spring), 1-24.
- Bell, Timothy B., Doogar, Rajib, Solomon, Ira (2008), "Audit Labor Usage and Fees under Business Risk Auditing", *Journal of Accounting Research*, vol. 46, N° 4.
- Bonner, S. (2008), *Judgement and decision making in accounting*, Upper Saddle River, NJ, Prentice-Hall.
- Choo, F. e K. Trotman (1991), "The relationship between knowledge structure and judgments for experienced and inexperienced auditors", *The Accounting Review*, vol. 66, N° 3, pp.464-485.
- Cohen, J., G. Krishnamoorthy e A.M. Wright (2002), "Corporate Governance and the audit process", *Contemporary Accounting Research*, Vol. 19, N° 4, pp. 573-594.
- Clikeman, P. (2003) Where Auditors Fear to Tread, *International Auditor*, 60, 75-79.
- Davidson, R. e D. Neu (1993), "A Note on the association between audit firm size and audit quality", *Contemporary Accounting Research*, Vol. 9, N° 2, pp. 479-488.
- Davidson, R. e Gist, W. (1996), Empirical evidence on the functional relation between audit planning and total audit effort, *Journal of Accounting Research*, Vol. 34, N° 1, pp. 111-124.



Defond, M. (1992), "The association between changes in client firm agency costs and auditor switching", *Auditing: A Journal of practice and theory*, vol. 11, n° 1, pp. 16-31.

DeFond, M., Jambalvo, J. (1991), Incidences and Circumstances of Accounting Errors, *The Accounting Review*, pp. 643-655.

DeFond, M. and J. Jambalvo (1994), Debt covenant violation and manipulation of accruals, *Journal of Accounting and Economics* 17: 145-176.

Francis, J., Maydew, E., Sparks, H. (1999) The Role of Big 6 Auditors in the Credible Reporting of Accruals, *Auditing: a Journal of Practice and Theory*, 18, 17-34.

Francis, J., Wang, D., 2004, Investors protection and auditor conservatism, University of Missouri and University of Nebraska.

Francis, Jere (2004) "What do we do about audit quality", *The British Accounting Review*, 36, pp. 345-368.

Frankel, R., M. F. Johnson e K.K. Nelson (2002), Relations between auditor's fees for non-audit services and earnings management.

Ghosh, Alope and Moon Doocheol (2004), Auditor Tenure and Perceptions of Audit Quality, U.S. Securities and Exchange Commission.

Ittonen, Kim and Peni, Emilian (2009), Auditor's Gender and Audit Fees, University of Vaasa.

Johnson, P., K. Jamal e R. Berryman (1991), "Effects of framing on auditor decisions", *Organization behavior and human decision processes*, vol. 50, pp. 75-105.

Libby, R. e D. Frederick (1990), "Experience and the ability to explain audit findings", *Journal of Accounting Research*, Vol. 28, N° 2, pp. 348-367.

Messier, W., Owhoso, V. & Rakovski, C. (2008), Can audit partners predict subordinates ability to detect errors? *Journal of Accounting Research*, Vol. 46, N. 5, pp. 1241-1264.

Myers, J., L. Myers e T. Omer (2003), "Exploring the term of the auditor client relationship and the quality of earnings: A case for mandatory auditor rotation?", *The Accounting Review*, Vol. 78, N° 3, pp. 779-799.

Penman, S. (2001), *Financial statement analysis and security valuation*, New York, McGraw-Hill.

Persons, O. (1995), "Using financial statement data to identify factors associated with fraudulent financial reporting", *Journal of applied business research*, vol. 11, N° 3, pp 38-46.

Krishnan, G., (2003), Does Big 6 auditor industry expertise constrain earnings management? *Accounting Horizons*, pp 1-16.

Reynolds, J. K., Francis, J., 2000, Does size matter? The influence of large clients on office level auditor reporting decisions, *Journal of Accounting and Economics*, pp. 375-400.

Schipper, K. (1989), "Commentary o earnings management", *Accounting Horizons*, Vol. 3, N° 4, pp. 91-102.

Sloan R. (1996), "Do stock prices fully reflect information in accruals and cash flow about future earnings?", *The Accounting Review*, Vol. 71, N° 3, pp. 289-315.

Weber, J., Willenborg, M., and J. Zhang. 2008. "Does auditor reputation matter? The case of KPMG Germany and ComROAD AG," *Journal of Accounting Research* 46: 941-972.